

As Muralhas da Vida Eterna



Registro na Fundação BIBLIOTECA NACIONAL:

650.859

As Muralhas da Vida Eterna

Rio de Janeiro

2015

Rhastelli, Barbahra.

As Muralhas da Vida Eterna.

Rio de Janeiro/RJ: AgBook e Clube de Autores, 1ª. Ed. 2015.

Registro no Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional:
650.859.

1. Corpo, Mente e Espírito 2. Filosofia 3. Realismo Fantástico.

O homem nasceu para se realizar na vida, mas tudo depende dele.

Ele pode não alcançar. Pode continuar respirando, pode continuar comendo, pode continuar envelhecendo, pode continuar indo em direção à sepultura – mas isso não é vida. Isso é uma morte gradativa, do berço à sepultura, uma morte gradual ao longo de setenta anos. E porque milhões de pessoas que o cercam estão morrendo essa morte gradual, lenta, você também começa a imita-los. As crianças aprendem tudo com as pessoas que os cercam, e nós estamos cercados pelos mortos. (Osho, em “Vida, Amor e Riso”).

2015

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

PRÓLOGO

A Vila Nossa Senhora da Vida Eterna era um lugar onde as pessoas viviam a se preparar para a morte. Os seus habitantes estavam fadados a, apenas e unicamente, aguardar pelo dia da grande passagem.

Oras! Faltava-lhes a ciência de que cada dia que se passava significava um dia a menos de vida. Faltava-lhes a ciência de que cada dia que se passava significava um dia mais próximo da morte.

Logo, verdade seja dita e contada! Porque apesar de esse ser o infeliz destino de seus nativos, a tristeza maior pertencia mesmo aos que, naquela terra, haviam caído por acidente.

CAP. I – O BRINDE

Esta é a história de três amigos que se dispuseram a correr o mundo em busca de aventuras.

Depois de passarem por várias terras e viverem as emoções de todas elas, a sua peripécia, entretanto, terminaria em um pequeno e misterioso vilarejo perdido no meio do mapa.

Era uma tarde de quarta-feira, quando três jovens de espírito aventureiro tiveram uma ideia. Resolveram por um ano abandonar as suas vidas comuns e cair no mundo em busca de emoções.

Yago, Boris e Hugo eram os seus nomes. Um advogado, um médico e um sociólogo. Todos jovens e solteiros.

Yago era o mais novo e o que arriscou a ideia. Hugo e Boris, animados pela vida e pela juventude que lhes fortalecia, não hesitaram em aceitá-la.

- O que precisamos é de uma quantia em dinheiro, um carro e uma simples bolsa para cada um. – Disse Yago.

- Está certo! – Disse Hugo – vamos cair no mundo! Precisamos mesmo expandir nosso espírito

aventureiro! – Completou o rapaz, levantando para um brinde a taça em que bebia.

- Tem razão! – Disse Boris, acompanhando o brinde – somos aventureiros e precisamos de aventuras!

- Então está combinado! Partimos na próxima semana. E, ao final, dessa nossa aventura pelo mundo, aliás, a primeira de muitas, pretendo ter terminado o meu livro. – Disse Yago, também levantando sua taça, enquanto pensava em seu primeiro livro de aventuras reais.

CAP. II - AS MURALHAS

Era um fim de tarde quando os três aventureiros adentraram uma estrada utopicamente deserta. E estavam alegres pela sua andança em torno do mundo, quando avistaram, ao longe, uma grande e misteriosa muralha.

Naquela tarde, o céu estava sem relevo. O tempo, por certo, muita chuva descarregaria e a estrada, logo, se tornaria perigosa. Os aventureiros,

então, sentiam que precisavam encontrar um abrigo onde pudessem descansar daquela viagem. As muralhas ao longe pareciam cercar uma cidade. Era, provavelmente, um bom lugar – e até mesmo o único – para repousar e se proteger de uma chuvosa noite.

Boris, que conduzia o carro, seguiu em direção àquela alta e robusta muralha de pedra. Hugo e Yago, alegres porque avistaram aqueles muros, começaram a cantar. Satisfazia-lhes a sorte de terem encontrado uma cidade antes que começasse a chover.

Assim que se aproximaram dos muros, puderam avistar os portões da cidade. Eram robustos e grandes. Perguntavam-se, portanto, os aventureiros que mistérios guardariam uma cidade protegida por tamanhos muros e tamanhos portões.

Trepadeiras espinhosas cobriam aquelas muralhas. E os portões, visivelmente compostos pela mistura de grossa madeira e de forte bronze, impressionavam pela sua robustez.

O mistério, por trás daqueles muros, por trás daqueles portões, instigava o espírito aventureiro dos rapazes. Percebiam os jovens que aquela cidade não seria apenas um abrigo ligeiro. Enfim, sentiam, dentro de si, que uma cidade enigmática comporia a história de suas aventuras.

E, de fato, aquela cercada cidade emanava um mistério. Suas muralhas eram mesmo colossais. Seus portões eram mesmo robustos. Sim! Era colossal a entrada daquela urbe! E, não apenas aqueles muros e aqueles portões surpreendiam pelo tamanho. Oras! Muito grande e também em bronze, um letreiro estendia-se sobre os portões daquela misteriosa cidade.

- Vila Nossa Senhora da Vida Eterna – Lia um dos aventureiros.

- Nossa! Estimulante! – Dizia outro.

- Que mistérios guardam uma cidade de nome tão incomum? – Indagava surpreso outro aventureiro.

- Oras! Os mistérios de uma cidade onde seu povo vive eternamente! – Respondia um deles, com ironia.

- Está certo! Então como fazemos para entrar na cidade onde se vive eternamente? – Perguntava outro aventureiro, em meio à brincadeira dos amigos.

- Boa pergunta! – Respondia um deles, olhando pela janela.

De fato, o cenário da cidade enigmática divertia os aventureiros. Sim! Porque os jovens não sabiam que estavam rindo dos mistérios que deveriam lhes apavorar.

Abandonando a brincadeira, Hugo, então, resolveu descer do carro. Achou prudente tentar entrar na cidade, antes que a chuva começasse a cair.

Aproximando-se dos portões, percebeu que estes estavam entreabertos. Logo, tentou colocar a cabeça naquela brecha. Todavia, não conseguindo, fez inútil força para abrir ainda mais aquelas portas.

E, não tendo êxito, fez, portanto, sinal para que seus amigos também descessem do carro para lhe ajudar.

Sob a forte ventania que imperava do lado de fora, os três, então, tentaram empurrar os portões. Mas estes, sendo robustos, de fato, não se moviam.

- Estranho uma cidade cercada por muros tão altos e dois portões tão reforçados! – Questionava outro aventureiro, olhando em volta.

- Mas se batermos nos portões? Talvez alguém os abra! – Respondeu o outro, notando três misteriosas aldravas de bronze penduradas naqueles portões.

- Está certo! Então vamos bater! – Disse um deles, apavorando-se com a chuva que começava a cair.

E, com o auxílio das três misteriosas aldravas, começaram, portanto, os aventureiros aos portões bater. O barulho daqueles portões, sendo

socados, ecoava naquele lugar. Com pressão, os rapazes os esmurravam.

Todavia, depois de várias tentativas, os aventureiros resolveram ao carro regressar. Oras! Porque ninguém abria os portões e a chuva aumentava.

Então, foi assim que aconteceu. Sem ânimo, Boris ligou o carro, pretendendo mais à frente encostá-lo. Contudo, antes que saíssem do lugar, de repente, escutou Yago dizer:

- Espere, Boris! Olhe! Os portões!

Os portões misteriosamente estavam se abrindo. E, olhando com alarme, os aventureiros resolveram se aproximar. Boris, que já havia ligado o carro, logo, o conduziu para perto daqueles portões que se abriam.

Debaixo de tanta chuva, os aventureiros agora olhavam assustados através dos vidros do carro. A chuva intensa atrapalhava a visão. E, no fim daquelas portas, não se via nada nem ninguém.

Sem muita alternativa, Boris, vagarosa e prudentemente, atravessou, com o carro, aqueles portões. Meio hesitantes, os outros dois tudo em volta permaneciam a observar.

E, naquele momento, um forte relâmpago, que a frente lhes atravessou, ainda aumentou o susto que os aventureiros, portanto, levaram diante de uma mão batendo em um dos vidros do carro.

Assustado, Boris bruscamente parou o veículo. Do lado de fora, um homem com uma diáfana capa e aparentemente fardado, sob toda aquela chuva, fazia sinal para que eles os vidros abajassem.

- Posso ajudá-los, senhores? – Perguntava o homem, observando os rapazes pela pequena brecha que Boris, assustado, abriu na janela.

- Por favor! Precisamos de abrigo até essa chuva passar. – Gritava Boris, levantando a cabeça para falar com o homem, sem precisar abrir o restante do vidro.

Logo, o homem, sem nada dizer, seguiu em direção a uma espécie de abrigo. Lá de dentro, outros dois saíram para com ele falar. Os aventureiros, entreolhando-se assustados, dentro do carro permaneciam.

Lá fora, olhando em direção ao veículo, os homens com postura formal, conversavam. De repente, um deles fez com a cabeça um sinal positivo ao homem que aos aventureiros atendeu.

Regressando ao carro, o sujeito, então, fez sinal para que Boris abaixasse mais os vidros. O rapaz, um pouco mais confiante, assim os abaixou.

- Senhores, sejam bem-vindos a Nossa Senhora da Vida Eterna! – Disse o sujeito misterioso – Sigam em frente! Lá, no centro do vilarejo, os senhores serão muito bem recepcionados pela população que os conduzirá a um abrigo.

- Nossa! Muito obrigado, amigo! – Logo, respondia Boris, aliviado.

- Apenas tenham atenção à principal lei deste vilarejo! – Contudo, dizia outro homem, também fardado, que se aproximou subitamente do carro.

O sujeito, assim, se inclinou em direção à janela do carro, observou todos os aventureiros e, fixando os olhos de cada um, continuou a dizer:

- Após entrar, neste vilarejo, e nele permanecer por sete dias, o viajante, somente, daqui, poderá partir pela porta da saída! Os portões que os senhores agora atravessaram são os portões da entrada!

Confusos com as palavras daquele homem, os aventureiros mais uma vez entreolharam-se. Hugo, então, inclinando-se até a janela do motorista, resolveu perguntar:

- Desculpe-nos, senhor! Mas poderia explicar melhor?

- Claro! – Respondeu o outro sujeito, inclinando-se mais uma vez até a janela do carro. – Os senhores somente poderão sair por esses mesmos portões, em até sete dias. Se aqui permanecerem por mais de sete dias, apenas poderão sair pelos portões da saída deste vilarejo.

- Os portões da saída não são difíceis de encontrar. Ficam logo no final da aldeia. Exatamente, na direção oposta aos portões da entrada. – Respondeu o outro sujeito, completando a informação do companheiro.

Por certo, os aventureiros estranharam aquele aviso. Mas atordoados pela forte chuva que caía e pelo cansaço da viagem, resolveram agradecer àqueles homens toda a sua atenção. Apesar de tudo, eles haviam sido muito gentis e nem mesmo pareciam se importar com a chuva que, do lado de fora, os banhava.

Logo, não tendo muita opção e já não querendo mais tomar o tempo daqueles corteses homens, os aventureiros resolveram se despedir.

- Muito obrigado, senhores! – Disse Boris. – Não se preocupem! Vejo que teremos o maior prazer em conhecer a sua cidade. Mas depois de quase um ano de andanças, certamente partiremos antes de sete dias.

- Pois, muito bem! Estaremos aqui a aguardá-los! Estejam à vontade! – Respondia o sujeito que primeiro lhes atendeu.

- Está certo então! E, mais uma vez, muito obrigado! – Respondeu Yago, despedindo-se dos sujeitos.

Os rapazes, assim, seguiram em direção ao centro daquele vilarejo. No caminho, Hugo, todavia, indagou:

- Meio estranha essa tal regra da cidade, não acham?

- É! Mas não temos nada para nos preocupar. Certamente, iremos embora amanhã mesmo. – Respondeu Boris.

- É! E que mal pode haver numa cidade onde se vive eternamente? – Disse Yago, suscitando uma brincadeira para relaxar aos companheiros.

- Não sei, não! Essa coisa de “Vida Eterna” recorda-me uma expressão de morte. – Retrucou Hugo, em meio à brincadeira.

- Calma! – Disse Yago – Estamos entrando numa cidade, não em um cemitério.

- Está certo! Então, estamos entrando em uma cidade onde viveremos eternamente! – Respondeu Hugo, resolvendo descontraír-se em meio à brincadeira dos amigos.

- Sim! Viveremos eternamente! – Disse Boris, cansada e pausadamente, em meio a um riso bocejado.

CAP. III – O ARMAZÉM

Migalhas. Uma terra de migalhas. Para aqueles que possuem apetite de mendigo, faz-se suficiente. Mas, para quem possui apetite de rei, será sempre um martírio.

E não demorou muito para os aventureiros encontrarem o centro do povoado. Ao ali chegar, logo se depararam com um lugarejo bem deserto. Na primeira esquina, o único habitante que avistavam era um humilde senhor de cabelos brancos, sentado à porta daquilo que parecia um pequeno estabelecimento.

A chuva, que começava a estiar, parecia ter espantado os habitantes daquele lugarejo. Os aventureiros nunca haviam visto uma cidade aparentemente tão pequena e desabitada.

Ao se aproximarem daquele pequeno estabelecimento, então puderam notar que este se tratava de um velho armazém. O senhor, que à porta estava sentado, subitamente se levantou ao perceber a aproximação do carro. Com olhar fixo e curioso, o homem parecia espantado com a chegada dos visitantes.

Ao se aproximarem do armazém, os aventureiros, portanto, abaixaram os vidros do carro para àquele homem pedir informação.

- É... Boa noite, senhor! Como vai? – Perguntou Boris, em um só fôlego, como que em um habitual cumprimento e, obviamente, sem intenção de sincera resposta.

- Esperando a morte chegar! – Olhando-os fixamente, respondeu, todavia, o velho, em um plácido e sincero fôlego.

A resposta, que aos aventureiros surpreendeu, provocou-lhes uma série de entreolhadas, seguida por um conseqüente e espontâneo riso; ao que Boris, curioso, logo retornou a perguntar:

- Desculpe, senhor! Mas... O que.... Bem! Deixa *pra* lá! – Desistindo da pergunta, ante o sério ar do velho, Boris então resolveu ir direto ao ponto. – O senhor poderia nos informar onde encontraríamos um abrigo para passarmos esta noite?

Curioso, o homem, entretanto, não lhes forneceu imediata resposta. Abaixando-se, tirou uma humilde boinazinha, que a seus cabelos brancos cobria, e olhou para dentro daquele carro, parecendo, apesar da maneira matuta, a cada um dos rapazes minuciosamente analisar.

Intrigados com o tratamento daquele sujeito, os rapazes deram início a uma nova série de entreolhadas. A perícia do velho começava a lhes constranger.

- Os moços parecem cansados. Certamente também estão famintos. Não gostariam de descer para comer alguma coisa? – Disse-lhes o velho após a sua longa e constrangedora perícia.

Enfim, aquele homem um gesto de gentileza apresentara. E mais do que tudo, possuía razão. Depois de tanta estrada, os aventureiros, por certo, encontravam-se demasiadamente cansados, além de muito famintos.

- Sim! A ideia é muito boa, senhor! Realmente estamos com fome. – Respondeu Yago, aceitando, de forma desconfiada, o convite do homem.

Logo, os aventureiros ao carro resolveram estacionar. Acostumados ao comércio das grandes cidades, aos jovens a figura de um armazém fazia-se bastante curiosa. Entretanto, provavelmente ali encontrariam para a sua fome a solução.

Conforme desciam do carro, o velho mais ainda aos rapazes com o olhar analisava. Nunca os aventureiros se sentiram tão descaradamente observados.

Constrangidos com aquele encarar, os rapazes, então, atravessaram as portas daquele armazém, cumprimentando o sujeito com um encabulado balançar de cabeça e um acuado sorriso no canto da boca.

De fato, aquele velho de maneira matuta com os olhos boicotava àqueles três urbanos aventureiros. Sim! Era descarada a análise daquele

velho. Contudo, verdade seja dita! A descarada análise daquele velho não seria ainda o que mais aos rapazes viria a surpreender.

Oras! Porque ao cruzarem as verdes velhas portas de madeira daquele armazém, os aventureiros logo se depararam com uma estranha plaquinha, a qual, por uma tinta pelo tempo já desbotada, um curioso dito traçava: “Migalhas. Uma terra de migalhas. Para aqueles que possuem apetite de mendigo, faz-se suficiente. Para quem possui apetite de rei, será sempre um martírio”.

Intrigados com a mensagem, os aventureiros, entretanto, nada perguntaram. Famintos e cansados, logo trataram de procurar, naquele lugar, algo que pudesse satisfazer a sua fome.

O armazém, todavia, era humilde e muito surpreendia aos aventureiros o fato de, naquele estabelecimento, não conter nada que pudessem definitivamente chamar de produto. Ali, não havia embalagens ou enlatados. Tal qual o armazém, tudo era disposto de forma muito modesta. Nos

caixotes, havia algumas frutas, legumes e hortaliças. Penduradas, nas paredes, encontravam-se algumas carnes aparentemente conservadas a moda antiga.

Hugo, então, não gostando muito do que aquele estabelecimento oferecia, chegou a perguntar àquele velho se no vilarejo não haveria um restaurante ou uma lanchonete, onde pudesse saciar o seu apetite; ao que o sujeito, entretanto, curiosamente respondeu não conhecer tais espécies de comércio. E, para completar, ainda acrescentou a estranha informação, dizendo que naquele lugarejo só havia alguns bares nos quais talvez os rapazes pudessem se servir.

Imaginando, pela humildade daquele armazém, as prováveis características de tais bares, o rapaz resolveu, todavia, ali mesmo saciar a sua fome.

- Pães! Não haveria uma padaria por aqui, senhor? – Perguntava, entretanto, Boris, animando-

se pela possibilidade de se alimentar em algum outro estabelecimento.

- Sim! Temos uma padaria, no vilarejo. Mas, a essa hora, por certo, já não tem mais pães. – Respondeu o velho, surpreendendo os aventureiros com mais essa informação.

“Afinal, que raios de cidade era aquela, onde mal a noite chegara e sua padaria já se encontrava sem pão”, perguntavam-se, portanto, os aventureiros.

- Mas eu reservo pães aqui. Se desejarem, posso lhes fazer um sanduíche. – Entretanto, disse-lhes o velho, finalmente animando os aventureiros, que começavam a se conformar em comer qualquer coisa por ali mesmo.

- Ah! Sim, senhor! Seria realmente muito gentil se pudesse nos fazer um sanduíche. – Então, respondeu Boris, admirando-se por haver notado uma perfeita oralidade na pronúncia daquele velho de matuta aparência.

- Gostam de mortadela? – Portanto, perguntou o velho.

- Sim! – Responderam, simultaneamente, os jovens.

Verdade! Um sanduíche de mortadela, por certo, não era o que os rapazes esperavam. Mas diante de tanta fome, um simples sanduíche seria mesmo um banquete.

- Aqui estão! – Disse o velho, colocando sobre o balcão um prato trincado, contendo três sanduíches de mortadela.

- Ah, sim! Muito obrigado! – Respondeu Boris, levando a mão ao prato para aproximá-lo de seus companheiros.

E antes que os outros dois pudessem pegar seus sanduíches, o sujeito, aproximando-se de um barril, logo foi lhes perguntando:

- Um pouco de embriaguez?

Estranhando a pergunta, os rapazes, portanto, mais uma vez entreolharam-se. O velho, então, explicou-lhes que era aquela uma bebida produzida no próprio vilarejo. De fato, os aventureiros não negavam o seu gosto pela ebriedade. Entretanto, não lhes apetecia a ideia de provar daquela estranha bebida. Logo, não querendo fazer desfeita ao homem, Yago, cortês e relutantemente, ainda chegou a perguntar:

- Bem! Realmente gostaríamos de acompanhar o lanche com alguma bebida. Mas o senhor não teria algo mais leve para oferecer?

- Sim! Água... Da torneira! – Entretanto, respondeu, de forma ríspida, o homem.

Verdade! Foi assim que aquele homem lhes respondeu. Por isso, Hugo, já não estranhando mais nada que viesse daquele sujeito, levando, por sua vez, a mão ao seu sanduiche, pediu-lhe que lhes servisse aquela bebida. Afinal, pensavam os

jovens que incômodo algum poderia trazer um pouco da bebida que aquele sujeito lhes oferecia.

E, assim, o homem, de um barril antigo, retirou três canecas daquela bebida; uma para cada aventureiro. Os rapazes, estranhando o líquido de rubra coloração que lhes fora servido, logo, com prudência, o experimentavam. Ao primeiro sedento gole, estranharam o gosto e o aroma. Certamente, não lhes apetecia. Contudo, verdade seja dita! Oras! Porque já animados pelo efeito da embriaguez, sentiram os jovens vontade de beber mais um pouco.

CAP. IV – AOS VISITANTES NADA SE COBRAVA

Definitivamente, as características de um tempo retrógrado inundavam aquele armazém. Os aventureiros não podiam acreditar que ainda houvesse no mundo um lugar tão antiquado.

Comendo seus sanduiches, à porta daquele estabelecimento, os jovens também notavam o

anacronismo de todo povoado. Em frente ao armazém, uma pracinha de antigo estilo, com seus modestos banquinhos em pedra e um simplório coretinho, enfeitava o centro daquele vilarejo. Ao final da praça, via-se uma singela igreja, toda em branco pintada e com portas e janelas coloridas por verde tonalidade. Em volta, as ruas eram todas feitas em ladrilhos. As poucas casas, que à aldeia circundavam, eram humildes e padronizadas. Telhados simples, além de portas e janelas, em madeira, pintadas por um verde já, pelo tempo, desbotado, eram a peculiar característica de todas elas.

Logo, ao finalizarem seu humilde lanche, sob o deserto ar daquele vilarejo, os aventureiros resolveram a conta pedir.

- Por favor, senhor! Poderia nos informar a conta? – Perguntava Yago ao homem do armazém, enquanto tirava de sua carteira uma nota de dinheiro.

- Não! Vocês ainda são visitantes. E, aos visitantes, nada posso cobrar. – Todavia, curiosamente respondeu o velho.

- Desculpe, senhor! Mas não podemos ficar sem pagar o que consumimos. – Disse, então, Yago, sem nada entender.

- Já disse! Aos visitantes, nada posso cobrar. – Logo, respondeu o homem rispidamente.

Sem entenderem a resposta do velho, os aventureiros, ressabiadamente, entreolharam-se. E, antes que alguma coisa pudessem dizer, o sujeito, pegando uma chave à parede pendurada, completou:

- Venham comigo! Vou conduzir-lhes até um abrigo!

O velho, então, pegou um humilde guarda-chuva e conduziu os jovens até a porta do armazém.

- Vocês podem me seguir. A casa que ficarão está bem ali na frente. – Disse o sujeito, apontando para a dita casa.

De fato, os aventureiros nada entendiam. Mas sem nenhuma opção, entraram no carro e seguiram o homem até a casa indicada. E chegando ao local, o velho, então, abriu a porta de um humilde casebre, fazendo aceno para que os jovens entrassem.

Os rapazes, com suas bolsas as costas, ressabiados, todavia, não quiseram entrar. O velho, portanto, diante da desconfiança dos aventureiros, na casa ingressou, fazendo sinal para que o acompanhassem.

E, os rapazes ao sujeito seguiram. Aquela casa, como todas as outras da aldeia, era mesmo muito humilde. Lá dentro, o velho mostrava-lhes os cômodos. Tudo estava mobiliado por modestos móveis. Na sala, havia apenas uma pequena poltrona. No único quarto da casa, três humildes camas e um velho armário. Na cozinha, uma

pequena mesa e um curioso fogão a lenha. No banheiro, nada havia, além de uma antiga banheira, dois baldes e uma latrina. No fundo da casa, apenas um quintalzinho com pouca e infrutífera vegetação.

Todo aquele conjunto certamente impressionava aos aventureiros. E imaginarem-se vivendo naquele ambiente, sem dúvida, fora a razão da perplexidade de suas expressões.

- Espero que tenham gostado! – Disse o homem, ao terminar de mostrar os aposentos da casa.

- É! Claro, senhor! Certamente, era o que precisávamos. – Respondeu Boris, quebrando o silêncio que, após as palavras do sujeito, fora deixado no ar.

- Mas, por favor, senhor! Gostaríamos de pagar-lhe de uma vez a estadia. Diga-nos então: quanto devemos? – Portanto, perguntava Yago, pensando em deixar aquele lugar logo pela manhã.

- Já disse! Aos visitantes nada posso cobrar. Se ficarem no povoado, trataremos a conta. – Entretanto, respondeu o homem, deixando, com a sua resposta, ainda mais perplexos os aventureiros.

- Mas senhor! Já comemos e nada nos cobraste. Bebemos e também nada nos cobraste. Agora nos abrigas e nada nos cobras? – Perguntava, então, Hugo inundado pela curiosidade.

- Já disse! Aos visitantes nada posso cobrar! – Todavia, respondeu mais uma vez o sujeito.

Por certo, as respostas daquele homem aos aventureiros provocava apenas uma devotada incompreensão seguida por uma conseqüente série de entreolhadas.

- Espero que tenham uma boa noite! Caso desejem mais alguma coisa, estarei no meu armazém. – Disse o homem, deixando, então, aos aventureiros que, perplexos, contudo, muito lhe agradeceram.

CAP. V – UMA VISTA ENIGMÁTICA

Logo no início da manhã seguinte, os aventureiros já se preparavam para partir daquele vilarejo. O sono e o cansaço da viagem que fizeram certamente fora o grande auxílio para conseguirem dormir naquele casebre. O anseio de fuga dos três jovens urbanos era de fato justificável pela simplicidade de tudo que ali lhes circundava.

Às caminhas que dormiram, por certo, faltava comodidade. O banheiro da casa, além de um banho frio, ofereceu-lhes certa experiência anacrônica. Como que num cenário bastante antigo, a eletricidade daquele casebre estava restrita apenas às lâmpadas que a iluminavam. Tomadas e aparelhos elétricos, enfim, ali não havia.

- Repararam? Os aparelhos telefônicos, aqui, não funcionam! – Dizia de forma escabreada um dos aventureiros.

- Não só isso! Meu relógio também parou de funcionar. – Respondia outro aventureiro, olhando para o único relógio que haviam levado naquela viagem.

Sim! Definitivamente, parecia que os aventureiros haviam retornado no tempo. Uma aventura no velho faroeste talvez descrevesse o que sentiam aqueles jovens naquele lugar. Sair daquela aldeia era, então, o desejo mais intenso dos três rapazes.

Ah! Mas uma coisa é preciso contar! Oras! Apesar da pressa, havia ainda algo segurando os passos dos aventureiros por alguns instantes a mais naquele lugarejo. Curiosamente a contemplação da tranquilidade de uma misteriosa vista ali os prendera por algum tempo mais.

De fato, naquela manhã, o sol, irradiantemente, despertava, iluminando a balsâmica terra que, durante a noite, pela chuva fora molhada. Pelas janelas dos fundos da casa, admiravam os rapazes o espetáculo de uma grande

diversidade de pássaros a voar e cantar sob um exorbitante céu anil. Ao longe, como se fosse um plano de fundo para aquele espetáculo, uma frondosa verde mata compunha o cenário; aquela tão vasta mata que parecia não caber em um vilarejo tão pequeno.

Verdade! Aquela mata era varonil. Todavia e certamente, como tudo naquele lugar, a mata não lhes impressionava apenas pela sua dimensão. Oras! Porque curioso era perceber que esta também circundava um morro que se erguia e imperava atrás do cemitério daquele povoado; um branco e antigo cemitério que, bem à frente daquele casebre, ao longe, os aventureiros podiam notar.

Na realidade, aquela vista, por ser enigmática, era mesmo capaz de prender, naquelas terras, o seu observador. Mas, por sorte, apesar daquele espetáculo todo, os rapazes muitos motivos ainda possuíam para partir e, portanto, não desejavam tardar naquela aldeia.

Da casa, Yago, então, já havia sido o primeiro de todos a sair, quando, assustado, retornou o aventureiro para aos seus amigos avisar:

- Há centenas de pessoas ali fora, em torno da casa.

- Centenas de pessoas? Nessa aldeia deserta? – Estranhando questionou Boris.

De imediato, Hugo então abriu uma das janelas da frente da casa; aquela janela de madeira em verde desbotado pelo tempo que, até então, nenhum deles havia se interessado em abrir. Lá fora talvez estivessem todos os habitantes daquela aldeia. Curiosos aguardavam para saber quem eram os forasteiros que por ali passavam.

- É verdade! – Surpreendido exclamou Hugo.

- Deixe-me ver! – Logo disse Boris, também colocando a face naquela janela.

E então foi assim que aconteceu. Porque com a face dos rapazes naquela velha janela, os aparentemente intrigados habitantes da Vila Nossa Senhora da Vida Eterna acabavam de avistar todos os três misteriosos forasteiros que teriam chegado naquela aldeia. De fato, os rapazes não imaginavam que, naquela manhã, seriam os protagonistas do imperante e irrefreável comentário daquele lugarejo.

CAP. VI – A FESTA DE BOAS VINDAS

A pequeníssima multidão que, aos aventureiros, observava era composta por gente de aparência muito humilde, muito matuta. Ao deixarem a casa, sentiam, então, os rapazes que, naquele momento, estavam sendo o centro das atenções de toda aquela aldeia.

De fato, o povo, em volta, aos aventureiros analisava. E a forma como lhes observavam era similar à do velho que os jovens conheceram na noite anterior.

Constrangidos, os rapazes, então, já colocavam os seus pertences no carro – aquela peça que parecia um disco voador aos olhos daquele povo – quando um homem de aparente meia idade e segurando um chapéu de palha os abordou:

- Vocês já estão de partida?

- Sim, senhor! Apenas faremos um desjejum para, em seguida, pegarmos a estrada. – Respondeu Boris, surpreendido pela aproximação daquele sujeito.

- Mas, já? Vocês não vão querer conhecer o nosso vilarejo? – Com certo tom de desapontamento, logo, disse-lhes o homem.

- Bem! Teríamos o maior prazer. Mas, realmente, temos que partir. – Todavia, respondeu-lhe, Hugo, quebrando o silêncio deixado pelos companheiros ante a pergunta daquele sujeito.

- Uma pena, porque esta noite gostaríamos de comemorar a vossa visita ao vilarejo. – Logo, respondeu-lhes o homem, em meio aos olhares